

Falta tudo nas unidades da Fundação Hospitalar

Denúncia do Sindicato dos Médicos ressalta que assistência à saúde se deteriora a cada dia



No Pronto-Socorro do Hospital de Base não há pessoal suficiente e nem recursos para atendimento

Computador também não ajudou Edwan

O sistema de computador implantado há três anos pela Fundação Hospitalar do DF pôde ajudar os médicos do Hospital de Base na procura do soro antiofídico para ser aplicado no menino Edwan Lopes Silva, picado por uma cobra jararacuçu no dia 24 de abril e morto no último dia 3 em consequência da ação do veneno.

O projeto do sistema é simples. Em cada hospital existem dois ou três terminais que são interligados a um sistema central. Neste sistema central, todas as informações sobre a disponibilidade de medicamentos na rede da FHDF são registradas no computador. No entanto, estas informações ficam atrasadas em até 20 dias. Sabedores desta deficiência, os médicos do Hospital de Base que atendiam Edwan, optaram pelo telefone, ligando, desnecessariamente, para o Hospital de Brasília, onde o menino tinha sido atendido e transferido para o HBB por falta de soro, e para todos os hospitais da cidade.

O sistema serve, também, para confeccionar as folhas de pagamento dos hospitais da rede oficial, além dos balancetes de cada um. Isto acontece, principalmente, a partir do dia 20 de cada mês, sobrecarregando todo o sistema que

fica impossibilitado de oferecer informações sobre vagas nos hospitais e disponibilidade de medicamentos, até mesmo com atraso.

Nos períodos do mês que não se confeccionam as folhas de pagamento, o sistema é usado para consultas sobre disponibilidade de leitos. Mas mesmo para apenas este dado, o computador falha e fornece o dado defasado. Caso a direção de um hospital regional qualquer resolva apostar na informação do sistema e enviar um paciente para atendimento ambulatorial em outra Unidade corre o risco de receber o doente de volta, porque o dado não indica a verdade e a vaga pode ter sido ocupada há muito tempo.

NSISTEMA IDEAL

No sistema ideal montado pela Fundação Hospitalar, a cada dia todos os hospitais devem fazer suas alterações em números de leitos ou quantidade de remédios dos vários tipos. Mas mesmo que os médicos resolvam fazer esta modificação diária, o computador rejeita a informação. Isto faz com que o dado novo fique nas gavetas dos diretores dos hospitais ou sob a responsabilidade de cada médico.

No caso do atendimento

ao menino Edwan Lopes Silva, os 10 telefonemas dados para todos os hospitais da rede, para a Funai e depois para os hospitais Presidente Médici e HFA, foram necessários por falha no sistema. Em vez de 10, seria necessário, apenas, a consulta a um dos terminais de computador no Hospital de Base, onde Edwan estava internado.

Com o computador funcionando normalmente, a consulta feita (única) indicaria, em alguns minutos, que nenhum hospital da rede possuía o medicamento como foi constatado. Feito isto, os médicos com meia hora de adiantamento, teriam condições de contactar antes das 8h da noite os hospitais que não pertencem à rede e que também não fazem parte do sistema como o Presidente Médici e o HFA, por exemplo, consultados quando foram queimados todas etapas (até tomarem conhecimento, depois, que o HFA possuía o soro).

E intenção da Fundação Hospitalar, segundo o diretor de Núcleo de Farmácias, José Xavier, que o sistema seja atualizado e funcione normalmente. Mas para isto, afirmou Xavier, é preciso comprar outros computadores para ampliação da capacidade do sistema central.

TCDF presta homenagem a ex-presidente

O Tribunal de Contas do Distrito Federal está programando uma série de homenagens póstumas ao seu antigo conselheiro e ex-presidente José Parsifal Barroso. Dia 19 próximo, segunda-feira, será rezada missa no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, às 19h30min, em sufrágio da alma desse ilustre homem público, no 30º dia de seu falecimento ocorrido em Fortaleza, Ceará.

Nascido a 5 de julho de 1913 na Capital cearense, Parsifal Barroso residiu muitos anos em Brasília, cidade a que esteve sempre ligado desde o início da construção, quando, sendo Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio (1956-1958), destacou-se pelo apoio à Novacap e a todos quantos defendiam a iniciativa do Presidente Juscelino Kubitschek de dar ao Brasil uma nova Capital Federal. Advogado, professor, parlamentar durante diversas legislaturas e Governador de seu Estado natal, deixou extensa obra literária, com livros publicados sobre variados gêneros. Na vida pública e particular era pessoa simples e generosa, tornando seus amigos os que com ele viviam. Integrou a Assembleia Legislativa cearense duas vezes (1936-1937 e 1947-1951), a Câmara Federal dos Deputados durante três legislaturas (1951-1955, 1971-1975 e 1975-1977) e o Senado Federal (1955-1956).

YARA MALHEIROS
Da Editoria de Cidade

Ausência de medicamentos ou fornecimento irregular de remédios nas unidades de saúde, falta de material de higienização e material cirúrgico nos hospitais, falta de aparelhos básicos; como estetoscópios, aparelho de Raios X e Ultrassom e carência de recursos humanos. Estes são os principais problemas enfrentados atualmente pelos hospitais e centros de saúde da Fundação Hospitalar do Distrito Federal, de acordo com avaliação feita pela diretoria do Sindicato dos Médicos do DF.

Ao avaliar as condições de trabalho na área de saúde os médicos concluíram que não é por falta de planos que a assistência médica no DF "está se deteriorando cada vez mais, mas por falta de um enfoque objetivo ao setor". As doenças endêmicas estão fugindo aos padrões de controle, afirmam, devido a falta de medicamentos.

"Programas especiais como a assistência materno-infantil e hi-

pertensão arterial são iniciados e interrompidos por falta de remédios, profissionais e instalações materiais", diz o relatório, realizado pelo Sindicato dos Médicos.

O documento ressalta a deficiência de diversas categorias profissionais em todas as Regionais. E mais: afirma que a limpeza e higienização dos hospitais, fator importante no controle de infecção, vem sendo feita de maneira incorreta por firmas contratadas pela FHDF. Ressalta que os funcionários e profissionais de saúde estão desmotivados para trabalhar porque não há estímulo ao desenvolvimento profissional.

INFECÇÃO HOSPITALAR

Segundo o documento, o material permanente da rede hospitalar está desgastado e em precário estado de conservação. Existe ainda falta de diversos aparelhos, entre eles, cardiosténógrafos, o que impossibilita o diagnóstico de morte fetal. Nos hospitais de Ceilândia e Planaltina não há apare-

lhos de raios X e ultrassom, enquanto os laboratórios de patologia clínica, banco de sangue e anatomia patológica têm instalações precárias.

"O material cirúrgico também é precário, falta do mais simples ao mais sofisticado. Algumas unidades não têm sequer material para pequena cirurgia e curativos", informam os médicos. Entre os medicamentos em falta são citados remédios para hipertensão arterial, doenças sexualmente transmissíveis, diabetes e Mal de Hansen.

Mas faltam também antibióticos, fios de sutura e material de higienização, o que faz aumentar os riscos de infecção nos hospitais. De acordo com a direção do Sindicato dos Médicos, de uma só vez já faltaram mais de cinquenta produtos na farmácia do Hospital de Base.

Finalmente, o documento informa o abandono em que se encontram as unidades de saúde da FHDF. Denuncia a ausência de conservação de rotina e a morosidade na manutenção de instrumentos.

HBB fica sem esterilização

A situação do Hospital de Base não é diferente dos outros hospitais da FHDF. Os médicos do HBB também convivem com a falta de medicamentos, material cirúrgico, esterilizantes, saneantes e antimicrobianos. Na semana passada, porém, os problemas do Hospital de Base agravaram-se com a explosão de uma autoclave (onde são esterilizados os instrumentos cirúrgicos) na Central de Esterilização. Resultado: a Central foi fechada e os instrumentos passaram a ser esterilizados no Hospital Regional

da Asa Norte (HRAN).

A explosão mostrou a precariedade em que se encontra o material permanente do hospital. Na lavanderia, por exemplo, só apenas uma calandra vem funcionando. Há seis meses a outra está quebrada. O acúmulo de roupa lavada de uma só vez pode ser constatado nos lençóis: a maior parte dessa roupa de cama exibe manchas de sangue e até restos de espadrapos ao sair da lavanderia.

A precariedade em que vive o HBB, entretanto, não se restringe somente à

lavanderia e à Central de Esterilização. A falta de manutenção adequada dos eleitores contribui para que pessoas, medicamentos, alimentos, doentes e até cadáveres circulem pelo hospital em um mesmo elevador.

Os médicos reclamam que a caldeira que serve o HBB está em local impróprio e por isso vem expelindo fuligem e poluindo as enfermarias. Como se não bastasse, afirma que os extintores de incêndio estão todos com as cargas vencidas e no pronto-socorro existem até termômetros.

Gama acha barata na cirurgia

A exemplo do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), os hospitais Regionais de Sobradinho e do Gama também estão funcionando precariamente. Além de medicamentos básicos, faltam equipamentos nos pronto-socorros e enfermarias, desde termômetros e aparelhos para medir a pressão arterial. Por falta de condições de funcionamento, a Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Regional de Sobradinho (HRS) e o Centro Cirúrgico do Hospital Regional do Gama (HRG) foram fechados. A direção do HRG decidiu fechar o Centro Cirúrgico depois que uma barata foi encontrada no local no momento que os médicos realizavam uma cirurgia.

Os médicos do HRG acham que a grande demanda de pacientes vem contribuindo para agravar os problemas naquela unidade de saúde. Lembram que o hospital foi projetado para atender à população inicial do Gama, composta de 20 mil pessoas, e hoje atende a mais de 300 mil.

Não descartam, entretanto, "a situação de abandono em que se encontram os hospitais da Fundação Hospitalar do DF", segundo um cirurgião do HRG que preferiu não se identificar. "Faltam recursos humanos e técnicos", destacou. Palavras semelhantes foram repetidas pela anestesista Myriam Vieira de Souza, delegada sindical, uma das integrantes da equipe que realizou um levantamento das condições de trabalho no HRS.

Myriam destacou que a falta de antibióticos tem levado os pediatras a mudarem o tratamento dos pacientes, enquanto a ausência de parafusos próprios para cirurgias ortopédicas

e fios de sutura obrigam os ortopedistas a operarem em condições precárias. No Hospital Regional do Gama, os médicos deixaram de operar por falta de material cirúrgico. Não haviam nem mesmo luvas para os cirurgiões ou material de higiene, como sabonetes, para os médicos lavarem as mãos, o que contribuiu também para o fechamento do Centro Cirúrgico.

SEM SABÃO

No Hospital Regional de Sobradinho não existem anti-hipertensivos e anti-inflamatórios nas enfermarias e geralmente há falta de antibióticos. A precariedade no HRS é tão grande que falta sabão na clínica de dermatologia. Em alguns ambulatórios, os médicos não podem lavar as mãos depois de examinar os pacientes porque não há piaas e consequentemente não há água.

Em Sobradinho, a situação é caótica também nos Centros de Saúde. Nessas unidades os programas destinados a hipertensos e portadores do mal de Hansen não podem ser realizados porque há falta de medicamentos. Há também carência de remédios para o tratamento de doenças venéreas. "No Centro número 01, 1 mil 960 receitas deixaram de ser aviadadas no mês de abril por falta de medicamentos", disse Myriam. Além de AAS e outros remédios, não haviam penicilina, vitamina C e anti-hipertensivos durante o mês de abril naquele centro.

De acordo com levantamento realizado por médicos do HRS, 44 profissionais trabalham na clínica médica mas são necessários 60 naquele setor. Na unidade de pediatria trabalham 27 pediatras, mas são

necessários 40. A situação não é diferente nas unidades de anestesia e ortopedia onde faltam 15 médicos. Segundo Myriam, o HRS vem funcionando também com ausência de enfermeiras e auxiliares de enfermagem.

PEPEU GOMES

O Hospital Regional do Gama enfrenta problemas semelhantes. Por falta de médicos um pediatra atende até a 60 crianças durante seis horas de trabalho. A grande demanda de pacientes acabou transformando as enfermarias em locais onde são atendidas juntas pessoas de ambos os sexos. O fato tornou as enfermarias do HRG conhecidas como "Pepeu Gomes", uma alusão à música Masculino Feminino, composta pelo cantor.

Para tornar ainda mais difícil a situação, os médicos, enfermeiras e pacientes do HRG enfrentam periodicamente problemas decorrentes da estrutura falha da rede de esgotos do hospital. Esses problemas vão desde o mal cheiro até as águas sujas que afluem do esgoto, invadindo as enfermarias.

Diante de todas essas dificuldades os profissionais de saúde do HRG não sabem aferir o índice de infecção hospitalar registrada no hospital. "É difícil dizer, pois aqui estamos mantendo as baratas com os pés", disse um médico que não quis se identificar. Ele foi mais além ao afirmar que o ex-deputado Magalhães Pinto "se aproximou da verdade quando disse que o melhor médico do DF é a ponte aérea. Ele estaria certo se tivesse afirmado que o melhor hospital é a ponte aérea. Brasília tem bons profissionais, mas os melhores hospitais estão no eixo Rio/São Paulo".

Ceilândia não tem Raios-X

A carência de recursos humanos, material permanente e de consumo além de medicamentos, também é fato no Hospital Regional de Ceilândia (HCR). Segundo os médicos, existem produtos que sistematicamente não são fornecidos, entre eles, álcool absoluto. "A frequente falta de medicamentos é perigosa e dificulta o tratamento dos doentes", afirmam.

O relatório realizado por uma comissão formada por profissionais de saúde do HCR mostra a falta de aparelhos de Raios X e Ultrassom, microscópio, cardiocógrafa, material cirúrgico e macas. Relaciona a dificuldade de manutenção de equipamentos e informa a necessidade de construção de um outro hospital em Ceilândia.

O HCR, com seus 149 leitos, não tem capacidade para atender à população daquela satélite, estimada em cerca de 500 mil habitantes. "Nossos recursos materiais e humanos estão extremamente reduzidos. No serviço de emergência são atendidos cerca de 600 pacientes por dia", diz o relatório.

Nem seringa o HRT possui

Insulina, furosemida, seringa descartável e algodão hidrófilo são alguns dos itens em falta na farmácia do Hospital Regional de Taguatinga (HRT). No laboratório faltam reagentes e, na unidade de pediatria, entre outras coisas, faltam sabonetes. O constante vazamento de esgoto em várias enfermarias da pediatria vem contaminando os armários, enquanto as águas pluviais chegam a inundar áreas externas das enfermarias.

Esses são alguns dos problemas enfrentados diariamente pelos médicos e demais profissionais de saúde que trabalham no HRT. Mas existem outros, como a carência de leitos, de material permanente e de recursos humanos.

De acordo com o relatório sobre as condições de trabalho do hospital realizado por médicos daquela unidade de saúde, a carência de material de consumo é tão drástica que falta até água destilada para diluição de drogas na unidade de anestesiologia.

O relatório informa a existência de um déficit de 60 médicos no HRT, além de auxiliares de enfermagem, assistentes sociais e mesmo pessoal especializado para a colheita de sangue. Na unidade de ortopedia, por exemplo, não existe anestesista para atender a cirurgias de urgência.

Com relação ao material permanente do hospital, o relatório aponta a falta de um aparelho de raios "x", na unidade de radiologia e de um aparelho de ecografia na unidade de gineco-obstetrícia.

Na Gineco-obstetrícia não existem equipamentos básicos como pinças e tesouras, enquanto na pediatria, um dos setores mais deficientes, faltam máscaras de nebulizadores, estetoscópio, oftalmoscópio, entre outros equipamentos. A precariedade da pediatria é tão grande que na unidade não existe local para o remanejo dos pacientes para ser feita a detoxificação da enfermaria. Resultado: o lugar está infestado de baratas.

Os médicos do HRT alertam para a necessidade de implementação de uma política de saúde visando melhorar as condições de atendimento nos hospitais. Lembram que para que a Regional de Taguatinga possa atuar de maneira efetiva é necessário ainda que Ceilândia tenha condições de dar solução aos seus próprios problemas de saúde, já que a maioria dos pacientes tratados no HRT reside em Ceilândia e outras cidades da região do Entorno.